Psicodrama e arte: e o eu com isso?

Pettra Roque Araújo da Silva[1]

Socorro Andrade de Lima Pompilio[2]

RESUMO

O presente trabalho aborda a interface entre Psicodrama e arte como um potente campo de expressão do eu, enfatizando a construção de personagens como recurso terapêutico, estético e político. Fundamentado na teoria dos papéis de Jacob Levy Moreno, o estudo parte da compreensão de que o sujeito se constitui na relação e na multiplicidade de papéis que desempenha ao longo da vida, sendo a espontaneidade e a criatividade elementos centrais para a saúde psíquica. Dialoga ainda com perspectivas contemporâneas que compreendem o corpo como território político e expressivo, conforme Judith Butler, ampliando o olhar para as dimensões sociais e identitárias implicadas na performance do eu. A proposta tem como objetivo explorar a construção de personagens como dispositivo psicodramático, potencializar a arte espontânea e criativa como meio de resgate, criação e afirmação de identidades, promover vivências grupais baseadas no Psicodrama aliado às estéticas artísticas, e culminar em uma ação cênica coletiva (flash mob) como expressão catártica e política. Trata-se de uma metodologia vivencial, de caráter qualitativo e interventivo, estruturada em etapas que incluem aquecimento corporal e relacional, sociodiagnóstico das personagens internas, dramatização de cenas significativas e integração simbólica. Durante o processo, os participantes são convidados a acessar conteúdos subjetivos por meio da criação de personas que representam tanto aspectos reprimidos quanto potências emergentes. As cenas psicodramáticas possibilitam a elaboração de experiências de repressão, empoderamento e enfrentamento social, utilizando recursos expressivos como figurinos, maquiagem, música e improvisação. A etapa de

[1] Psicóloga (Unifacid Wyden), Mestranda (UFDPar), Psicodramatista (IMPSI); pettraroque@gmail.com
[2] Psicóloga (UCDB), Mestrado (UFMS), Psicodramatista Didata (ENTRE NÓS); helppompilio@gmail.com

integração favorece a ressignificação das vivências, por meio da produção artística coletiva e compartilhamento em grupo, fortalecendo vínculos e reconhecimentos mútuos. Como resultado, observa-se o aumento da espontaneidade, da consciência de si e da liberdade expressiva dos participantes, além da ampliação do repertório de papéis e da afirmação identitária. A ação final, realizada em espaço público, promove a ruptura entre cena e cotidiano, ampliando o alcance da experiência para além do grupo e afirmando o Psicodrama como prática transformadora, estética e política.

Palavras-chave: Psicodrama; Arte; Expressão do eu; Identidade; Espontaneidade.